

3.



Vila Nova de Famalicão

3. Aprender e Ensinar História: assumir a localidade como laboratório didático

Arminda Ferreira, Isabel Barca
e Luis Alberto Alves

3.1 Abrindo e Explicando

“O tempo, como o mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que vamos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa” (Padre António Vieira, História do Futuro, 1718)¹

Pensar o futuro é um exercício arriscado e, muitas vezes, fútil. Mas, apesar dos avisos, somos diariamente bombardeados com os visionários de um futuro que só eles conseguem almejar, apresentando-se com uma voz convicta, com argumentos “gostosos para o ouvido”, com certezas que só eles encontraram na profusa bibliografia visível nas estantes que estão por trás das suas cadeiras (poltronas) e onde alguns termos em inglês ajudam a dar consistência e intelectualidade às mensagens que nos querem vender.

Perante figuras tão doutas, naturalmente que precisamos de ter vistas largas, de um pensamento que não se feche nem nas fronteiras do imediato, nem na ilusão de um futuro mais-que-perfeito. À maneira de Reinhart Koselleck (1990), é importante que sejamos capazes de compreender de que modo o passado está inscrito na nossa experiência atual e de que modo o futuro se insinua já na história presente.

Este passado, próximo e distante, temporalmente e espacialmente, deve constituir um conteúdo organizado, investigado, partilhado com diferentes públicos e por diferentes estratégias, no sentido de permanecer no quotidiano de jovens e adultos, inscrevendo-o na sua identidade pessoal e social. Quando projetos como “De Famalicão para o Mundo” surgem de forma organizada, estruturalmente sustentados, com agentes no terreno mobilizados para a sua implementação, com formações que solidificam e clarificam o seu quadro concetual e que rentabilizam, em rede, os diferentes equipamentos culturais, percebemos a dinâmica de um verdadeiro laboratório capaz de testar hipóteses de trabalho, de partilhar experiências e de publicitar resultados. A localidade assume-se como a matéria a trabalhar para garantir que o “horizonte do tempo” permaneça nas memórias de todos aqueles que interiorizaram o seu sentido histórico.

3.2 A Metamorfose necessária para evitar a cristalização

Interiorizar esta perspetiva e assumi-la no quotidiano da prática educativa, obriga necessariamente a uma metamorfose que vá num sentido diferente do comodismo e da

[1] O Padre António Vieira viveu grande parte da sua vida no Brasil, onde faleceu em 1697. A primeira edição da História do Futuro foi publicada em 1718.

cristalização. Para nos incomodarmos, mobilizando-nos, gostamos naturalmente de perceber aonde queremos chegar na companhia dos nossos alunos. Aqui a irreverência consciente obriga-nos a apostar na inovação, na diferença, inicialmente próxima do singular, mas que lentamente nos transporta para um movimento mais coletivo. Edgar Morin ajuda-nos a legitimar esta visão anti-sistema dando-nos de forma clara o caminho a seguir:

“(...) Quando um **sistema é incapaz de tratar os seus problemas vitais**, se degrada ou se desintegra/ ou então é capaz de suscitar um meta-sistema capaz de lidar com seus problemas: ele se metamorfoseia. O que é uma metamorfose? O nascimento da vida pode ser concebido como a metamorfose de uma organização físico-química, que, tendo chegado a um ponto de saturação, cria a meta-organização viva que, embora tendo os mesmos aspectos físico-químicos, produz novas qualidades. **Tudo recomeça por uma inovação, uma nova mensagem desviante, marginal, pequena, muitas vezes invisível para os contemporâneos.**”²

Os professores estão muito habituados a fazer diagnósticos que deixaram de ser um exclusivo das ciências médicas, e passaram a fazer parte do nosso dia a dia. É aí que nós conseguimos identificar os “problemas vitais” da educação, **enquanto meio** (para aceder a uma postura mais humanitária e social), **enquanto conteúdo** (múltiplos saberes que de forma coerente ajudam a perceber o Mundo), **enquanto sistema** (marcado por tensões entre o exógeno e o endógeno, entre o centro e as periferias).

Mas esta capacidade terá de ser articulada e estar muito atenta, aos contextos futuristas que pretendem marginalizar a nossa intervenção, substituindo-a por futurismos de pregadores sem escrúpulos, pensadores neocolonialistas, profetas do “futuro invisível” de que já nos falava o Padre António Vieira. São os arautos da neuropedagogia, são os habilidosos das novas tecnologias, são os defensores da inteligência artificial, são os defensores da primazia do global neutro e indefinido sobre o local identitário.

Morin alerta-nos que “quando consideramos as certezas dos séculos passados, inclusive as científicas, quando consideramos as certezas do século XX, vemos erros e ilusões dos quais acreditamos estar curados. Nada indica, porém, que estejamos imunizados contra novas certezas vãs, novos erros e ilusões”³.

E acrescenta: “ensinar a viver não é apenas ensinar a ler, escrever, calcular, nem apenas ensinar conhecimentos básicos úteis da História, da Geografia, das Ciências Sociais, das Ciências Naturais. Ensinar não é concentrar-se nos saberes quantitativos, nem privilegiar as formações especializadas, é introduzir uma cultura de base que implica o conhecimento do conhecimento”⁴.

[2] MORIN, Edgar (12-01-2010). *Elogio da metamorfose*. Artigo consultado em 29-04-2020 e disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2010/01/12/elogia-da-metamorfose-artigo-de-edgar-morin/>.

[3] MORIN, Edgar (2015). *Ensinar a Viver. Manifesto para mudar a Educação*. Porto Alegre, Editora Sulina, p. 17.

[4] Idem, p. 18.

Se é verdade que os futuristas nos procuram distrair, nós que estamos habituados a lidar com o tempo e a fazer uso da memória, sabemos que já no célebre Relatório Faure de 1997 – *Enseigner et Apprendre vers la société cognitive* – também conhecido pelo Livro branco sobre a Educação e Formação, perante os três choques motores – o da sociedade da informação, o da mundialização e o da civilização científica e técnica - a resposta devia ser centrada na cultura geral (enquanto forma de saber o significado das coisas, enquanto meio para compreender e atingir a criatividade e como forma de permitir um julgamento ou decisão consistente e pertinente).

As vias aí enunciadas para atingir esse desiderato, passavam pela flexibilidade, interdisciplinaridade, cooperação, colaboração, diálogo. Aí eram também já visíveis as preocupações com a aquisição de conhecimentos novos, com a luta contra a exclusão, com a importância de encontrarmos uma linguagem comum, mas não uniformizadora.

Perante estes cenários em permanente tensão, é muito importante a maturidade que a profissionalidade nos confere, a experiência que robustece as nossas decisões, a cultura que nos permite ter sempre várias opções para escolher. Teríamos muitas, e cada um melhor do que ninguém, sabe o caminho que deve seguir, mas será importante partilhar, algumas daquelas que mais nos têm instigado nos últimos tempos, articuladas com as que cada um foi e é capaz de ir proporcionando, fruto do trabalho em rede e assente na infraestrutura segura de um Projeto como o de Famalicão.

Primeira ideia: devemos **evitar o radicalismo transformador** (Edgar Morin) ou a panaceia da inovação proposta pelas reformas, mas potenciar antes a criação de escolas de ensaio e de experimentação (já defendidas por António Sérgio na década de 20 do século passado) centradas na aprendizagem. O contributo de cada centro escolar, cada escola, cada agrupamento, cada um de nós, pode ser um contributo de mudança sem necessariamente assumir ruturas que obstaculizam mais do que promovem.

Segunda ideia: Não precisamos de estar tão preocupados em “dar mais informações mas em **dar mais sentido aos conhecimentos**” na perspetiva de Harari e de Arendt⁵. Para isso será importante ensinar numa lógica de pesquisa, liderar o processo numa perspetiva de orientação, liberdade, colaboração, diálogo e consenso. A tutoria e a supervisão serão mais importantes do que a quantidade de conhecimentos. Não por acaso temos sido mensageiros da importância da aula oficina, do espaço de liberdade do aluno, da urgência de uma liderança segura e clara do educador.

Terceira ideia: Criar uma **escola como um lugar de curiosidade**, como espaço de convivialidade e de cooperação, num quadro de diversidade educativa. François Taddei,

[5] Arendt num debate sobre os “Valores da Sociedade Contemporânea” em 13 de junho de 1972, afirmava que “um problema que precisa verdadeiramente de ser trabalhado é o facto de os professores realmente bons não serem muito considerados no meio académico. Esta coisa de “publicar ou morrer” tem sido uma catástrofe. As pessoas escrevem coisas que nunca deviam ter sido escritas e que nunca deviam ser impressas. Ninguém quer saber. (...) Isto rebaixa toda a vida intelectual. Costumava seguir o princípio que um aluno de pós graduação de um certo nível devia ser independente de mim na medida em que ele também podia, sem a minha intervenção, escolher e definir a sua própria bibliografia. Isto hoje é absolutamente impossível porque existe uma tal quantidade de puro disparate no mercado que não se pode pedir a um aluno que o examine. Ele passará anos na biblioteca até descobrir os poucos livros realmente importantes na área.” ARENDT, Hannah (2019). Pensar sem corrimão. Lisboa, Relógio d’Água, p. 337.

de forma provocatória, diz-nos no seu mais recente livro, que “os alunos aprendem mais uns com os outros do que com os seus professores”⁶. A escola deve sobretudo ser esse espaço público da educação a que já se referia Maxine Green⁷ em 1992. Público porque recebe a diversidade, ajuda a lidar com ela e a compreendê-la e prepara os seus frequentadores para um *regresso diferente* ao espaço social. Como defende Nóvoa, “a escola é, justamente, uma das instituições onde a partilha pode ter lugar, de forma prudente e selectiva, construindo assim uma base sólida e evolutiva para a construção de práticas de vida em comum”⁸.

Quarta ideia: Insistir na diferença e **evitar a normalização ou naturalização do que deve ser diferente**. Daí a importância da liberdade de organização de escolas diferentes, com projetos educativos diferenciados e com definição de percursos escolares e currículos diferenciados. Estes tempos, ajudaram a reafirmar a capacidade de adaptação dos profissionais de Ensino, a sua criatividade, a sua consistência, o seu espírito de serviço público. Isso conseguiu-se não á custa do “chamado professor carismático” que habitualmente é um desastre, mas dos professores que são verdadeiramente dedicados. É um dom muito raro, um dom de alto calibre”⁹. As dificuldades ajudaram a revelar-nos a sua existência e resiliência. Hannah Arendt defendeu que uma crise apenas se tornava catastrófica se lhe respondermos com ideias feitas, isto é, com preconceitos¹⁰. **Temos de ser ousados e criar conceitos novos, mas sobretudo uma cultura escolar diferente**. O pensamento contemporâneo sobre educação tem de ir além do já conhecido e alimentar-se de um pensamento utópico, que se exprime “pela **capacidade não só de pensar o futuro no presente, mas também de organizar o presente de maneira que permita actuar sobre esse futuro**”¹¹ como nos afirmava já em 1970 Pierre Furter.

Para a organização deste presente que permita que os nossos alunos atuem sobre o futuro, partilhamos a proposta de François Taddei, escrita na sua obra “Apprendre au XXIe siècle” e bem explicitada no esquema seguinte:

[6] <https://www.youtube.com/watch?v=BhunNczVNaA> [Apprendre au XXIe siècle]. Visitado em maio 2020.

[7] GREEN, Maxime (1992). Public education and the Public Space. In. (<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/0013189X011006004>) Visitado em maio de 2020.

[8] NÓVOA, António (s.d.). *Educação 2021: Para uma história do futuro*. In. [https://repositorio.ul.pt/stre](https://repositorio.ul.pt/stream/10451/670/1/21232_1681-5653_181-199.pdf) am/10451/670/1/21232_1681-5653_181-199.pdf. Consultado em maio de 2020.

[9] ARENDT, Hannah (2019). Pensar sem corrimão. Lisboa, Relógio d'Água, p. 337.

[10] ARENDT, Hannah (2019). *Cultura e Política*. In. “Pensar sem corrimão”. Lisboa, Relógio d'Água, p. 103 a 127.

[11] FURTER, Pierre (1970). Educação e reflexão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 3.ª edição, p. 7.

Podemos criar os meios que
vão ajudar-nos a ...



IKIGAI – O sentido da vida
individual e coletiva...

DESAFIO – Como vamos
descobrir esse sentido?

Como ele nos diz:

“(...) Infelizmente, o sistema educacional não está mais adaptado ao mundo, onde as mudanças estão em grande aceleração. Se a nossa maneira de ensinar é essencialmente focada na memorização, cálculo e competição, como as máquinas memorizam e calculam melhor do que nós (...) elas vão ser melhores do que nós ou os nossos alunos. Devemos inventar outros métodos de ensino e aprendizagem e desenvolver outras habilidades só possíveis nos humanos. (...) **Uma sociedade que aprende** é uma sociedade na qual quando alguém aprende algo, outro pode aprender mais facilmente, porque o primeiro documentou e compartilhou seus conhecimentos ou inovações. (...) Em vez de competir por conhecimento, devemos aprender a partilhar em rede para entretajar, para cooperar, para compartilhar (...). Então essa postura permitirá que possamos progredir e avançar.”¹²

3.3 Cultura e Educação Patrimonial

“El patrimonio es puente que nos permite dialogar con la historia, pero es a la vez ensayo de sensibilidades, laboratorio de sensaciones, campo de radicalidad científica o simplemente humilde veta minera de emergentes industrias culturales. (...) Es obvio que las miradas de la ciencia, la instrucción, la enseñanza y la economía también convergen ahora sobre el patrimonio. Patrimonio es pasado, pero también futuro.”¹³

Todos os projetos que permitam esta ponte de diálogo com a História tornam-nos mais próximos de uma consciência coletiva sobre o Património e a Cultura. Como nos diz Oliveira Martins, “a preservação dos lugares de memória e do património comum apenas poderá ser assegurada se ao ressentimento, à autossatisfação, ao unilateralismo e à absolutização das interpretações soubermos contrapor o respeito, a alteridade, o pluralismo e a diversidade do conhecimento”¹⁴. Na mesma linha, alerta-nos para que só a “compreensão do património cultural nos permite assumir uma cidadania civilizada”¹⁵.

Património, Cultura, Civilização, Cidadania, História e Memória são conceitos que devemos ter muito presentes no processo de metamorfose das práticas educativas, nos recursos, nas didáticas e nos processos de monitorização dos saberes. Não sendo a sequência arbitrária, não devemos assumir uma hierarquização de importância. Como profissionais experientes, conscientes e reflexivos, procuramos o momento apropriado para os incorporar nos exemplos pedagógico-didáticos, na logicidade das faixas etárias para a sua compreensão, nos conteúdos programáticos mais adequados, nas áreas curriculares e disciplinares onde melhor se inscrevem.

Será nesta perspetiva que nos importa olhar com mais pormenor para um Projeto que imbuído neste quadro concetual procura sistematizar e operacionalizar a melhor forma de os pôr

[12] TADDEI, François (2020). Apprendre au XXIe siècle. <https://www.youtube.com/watch?v=BhunNczVNaA>. Visitado em maio 2020.

[13] MASACHS, Roser Calaf (2008). Didáctica del patrimonio: epistemología, metodología y estudio de casos. Gijón, Ediciones TREA, p. 17.

[14] MARTINS, Guilherme Oliveira (2019). Património cultural. Realidade viva. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, p.28-29.

[15] Idem, p. 35.

em prática no contexto educativo e cultural de Vila Nova de Famalicão.

3.3.1 De Famalicão para o Mundo: o laboratório do passado para o futuro

O projeto “De Famalicão para o Mundo: contributos da História Local” foi desenhado ao longo do ano letivo 2018/2019 (concluído em maio de 2019 como experiência-piloto) fundamentado no conceito «Cidade Educadora» e na recente legislação emanada pelo Ministério da Educação. Apresenta um conjunto de propostas e sugestões pedagógico-didáticas com o intuito de se atribuir à História Local mais relevância para os alunos, concedendo-lhe mais visibilidade nos conteúdos programáticos, especialmente em História na sua relação com a História Nacional e Universal. De realçar que, apesar de se assumir um enfoque relevante na História, é desejável que outras disciplinas (Geografia, Línguas, Filosofia, Ed. Visual/Artes Visuais, Matemática, Ciências, ...) colaborem no projeto no sentido de articular conhecimentos sob várias perspetivas e, assim, construir-se uma visão mais abrangente do Mundo (Figura 2).



2. Projeto “De Famalicão para o Mundo: Contributos da História Local”.

Mais concretamente, este Projeto propõe a dinamização de atividades educativas para exploração do património local apoiadas por um conjunto de valências culturais à escala concelhia, a saber: Rede de Museus; Gabinete de Património Cultural (através da plataforma/projeto Famalicão ID); Gabinete de Arqueologia; Arquivo Municipal

Alberto Sampaio; Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco; Galeria Municipal Ala da Frente; Programa Educativo “Viagens pelo Património Cultural”; Labirinto das Artes – A Casa ao Lado; Quinta Pedagógica de Bairro; Hortas do Parque da Devesa.

Pretende-se, assim, oferecer aos agentes educativos, do concelho de Vila Nova de Famalicão, sugestões que integrem um conjunto de fontes históricas de património local, e consequentes ações estratégicas interativas com significado para os alunos, nomeadamente no âmbito de visitas de estudo às diversas unidades culturais (Solé, 2012; Pinto, 2003), assim como em aulas-oficina (Barca, 2004). Este processo pode desenrolar-se a partir de formulações de questões sobre evidências patrimoniais, nomeadamente na perspetiva da evidência histórica (Cooper, 2004; Lee, 2005). Nesta linha de pensamento, ao mobilizar inferências sobre fontes históricas concretas e que, eventualmente, lhes são familiares, os alunos terão oportunidade de aprofundar conhecimentos e outras competências contribuindo-se, assim, para o desenvolvimento do seu pensamento histórico, geográfico, estético, filosófico, em suma, para a sua cultura.

De realçar que o presente projeto não pretende ser um documento fechado, mas sim “De e para Todos”, aberto a propostas e sugestões de natureza pedagógica e científica e envolvendo docentes e estudantes, dos diferentes níveis de ensino. Pretende-se que estes últimos sejam, também, agentes ativos em todo o projeto, e que desde cedo possam desenvolver uma consciência cultural que lhes permita compreender de forma integrada o mundo em que vivem e assumir na sociedade posições fundamentadas. Desta forma, os estudantes têm oportunidade de se debruçar sobre uma realidade dinâmica e de variadas dimensões, em que uma comunidade, pela sua própria e particular expressão de adaptação espaço/tempo, produz simultaneamente convergências e especificidades que a tornam culturalmente distinta, facilitando a construção da identidade dos jovens, no plano individual e coletivo.

Refere Menezes (1985: 33) que “Exilar a memória do passado é deixar de entendê-la como força viva do presente e, como tal, sem memória não há presente humano, nem futuro” e, nesta linha de pensamento, a questão da preservação do património cultural e da memória, testemunho da História entendida como forma de existência social nos diversos aspetos (económicos, políticos, culturais) é uma temática obrigatória nos dias de hoje, pois reveste-se de grande relevância no processo de formação da consciência histórica e da cidadania.

Atribuir significância histórica quer aos acontecimentos históricos locais, quer

às personagens e aos períodos históricos, incentiva os alunos a uma aprendizagem mais relevante e a uma consciência histórica mais ativa e interventiva na sociedade do presente (Solé, 2013). Mas a significância histórica é um dos conceitos estruturais da História em interligação com outros conceitos também inerentes a este saber: interpretação de fontes, explicação (motivos, causas externas e consequências do que se passou), narrativa, temporalidade (continuidades e mudanças, progresso/ desenvolvimento, ciclo, declínio). Por consequência, estes conceitos são as ferramentas intelectuais de que os alunos e professores se auxiliam para poderem pensar sobre a evolução da Humanidade no tempo e espaço e como esta procurou resolver os seus problemas e tomou decisões sobre a vida (Ferreira, 2005: 2). A História relaciona-se com as memórias produzidas coletivamente, ou seja, com a evidência que determinadas sociedades deixam (de forma consciente ou não) e, como tal, a memória é um elemento de recuperação histórica do passado permitindo ao sujeito referenciar esse passado no presente e aí se situar temporalmente. Ora, como o filósofo Rüsen e vários outros afirmam, a necessidade de orientação temporal constitui uma pulsão intrínseca ao ser humano.

Neste sentido, o conhecimento da História Local é insubstituível para a construção da compreensão do passado, numa relação com o presente e hipóteses de futuro. A História visa o estudo da vida humana, num determinado espaço e numa determinada comunidade. É na comunidade circundante que cada um inicialmente se insere e se realiza, integrado numa família e nessa mesma comunidade. A partir dos significados que cada ser humano atribui à sua comunidade mais próxima, ele poderá alargar o seu sentido identitário numa lógica gradual e que se pretende de diálogo entre o local e o global.

Nesta linha de pensamento, e seguindo o conceito de «Cidade Educadora», desenvolvemos um projeto educacional e cultural que promova a educação para a diversidade, considere a qualidade de vida como objetivo alcançável facilitando o intercâmbio a novas experiências e fomente a sua permuta (Pereira, 2005: 88). Um projeto que na medida do possível envolva “Todos” os jovens famalicenses, a partir da Escola/sala de aula, e que, em relação com o espírito de «Cidade Educadora», enquanto espaços/tempos de aprendizagem (formal e não formal), sejam dadas oportunidades de construir conhecimentos e outras aprendizagens relacionadas com a História Local, articulada no sentido transversal e vertical. Transversal porque em diálogo com diversas disciplinas, vertical porque será articulada com a História Nacional e Universal.

Através do contacto direto com a realidade da sua comunidade, os alunos adquirem

mais facilmente uma maior noção da sua importância enquanto agentes de transformação da realidade que o rodeia. Além disso, o estudo da História Local possibilita que se faça frente a problemas de desenraizamento cultural, possibilitando de uma forma mais fácil uma identificação que ajude a construir uma identidade em espaços e grupos mais próximos. Assim, o conhecimento do passado da comunidade local permite às crianças e aos jovens compreender melhor a sociedade em que vivem e participam, preparando-os gradualmente para exercerem uma cidadania consciente (Figuras 3, 4 e 5).

A variedade de contextos educativos que o local promove facilita uma aprendizagem significativa através do desenvolvimento de competências como observação, exploração, curiosidade mental, criatividade, emoção, comunicação, argumentação, próprias e dos outros, pela interação física, intelectual e emocional proveniente de atividades com o património (Melgar & Donolo: 2011). A educação pelo Património Cultural, nomeadamente o «Territorial» entendido como todos os bens, materiais e imateriais, portadores de valor histórico, arqueológico, arquitetónico, documental, artístico, etnográfico, científico, social e económico, refletem valores de memória, autenticidade, originalidade, singularidade e estimula, a par com a educação formal, a construção dos conhecimentos dos alunos, acrescentando, através de situações educativas não formais, competências interdisciplinares e multidisciplinares aos conteúdos programáticos curriculares dos vários níveis de ensino.

Neste sentido e tendo como ponto de partida a exploração do Património Cultural do concelho, o contacto direto com as fontes patrimoniais diversas, materiais e imateriais, poderão proporcionar a interpretação da época a que se reporta, com mais sentido temporal e espacial, promovendo uma compreensão contextualizada. Por esta razão podemos afirmar que o Património é uma «escola viva de História» (e não só nesta disciplina). De realçar que os Serviços Educativos das diversas unidades culturais realizam diversas atividades servindo de mediadores para estreitar a relação entre a cultura e o público, nomeadamente o escolar, e são uma componente fundamental para a concretização da missão das mesmas.

Ao longo do desenvolvimento do projeto “De Família para o Mundo” teve início do ano letivo 2018/2019, professores de várias escolas do concelho, de diferentes níveis de ensino e de várias disciplinas, aderiram e envolveram-se nas atividades educativas do mesmo. Estabeleceu-se desde o início uma dinâmica de colaboração entre todos os intervenientes no projeto, em que professores e turmas constituíram grupos de trabalho em torno de unidades patrimoniais selecionadas sobretudo pelos alunos.

3. Aula História, 9º ano: I República e Bernardino Machado - Museu Bernardino Machado.
4. Visita de Estudo - Claustro do Mosteiro de Santa Maria de Landim.
5. Aula Interdisciplinar de História e Cultura das Artes e Artes Visuais, 11º ano - Galeria Municipal Ala da Frente.



3.



4.



5.

O Projeto desenvolve-se em várias fases. A primeira – experiência piloto – decorreu no ano letivo 2018/2019; a segunda - implementação em tempo de confinamento - no ano letivo 2019/2020; a terceira, no ano letivo 2020/2021 que agora se inicia - Avançando... de Famalicão para o Mundo.

3.3.2 Experiência Piloto

A construção das planificações do projeto (em formato de estudo-piloto) envolveu professores e alunos das escolas públicas e privadas - ACE – Escola de Artes de Vila Nova de Famalicão; Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco; Agrupamento de Escolas D. Maria II; Agrupamento de Escolas D. Sancho I; Agrupamento de Escolas de Gondifelos; Agrupamento de Escolas de Pedome; Agrupamento de Escolas de Ribeirão; Agrupamento de Escolas Padre Benjamim Salgado; Didáxis – Cooperativa de Ensino, CRL; Escola Profissional CIOR; Escola Profissional do INA – OFICINA; Instituto Nun’ Alvres.

O Projeto envolveu também as unidades culturais do concelho - Arquivo Municipal Alberto Sampaio; Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco; Casa do Território; Gabinete de Arqueologia; Gabinete de Património Cultural (dinamização da plataforma/projeto Famalicão ID); Hortas Urbanas de Famalicão; Labirinto das Artes – A Casa ao Lado; Parque da Devesa; Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão; Quinta Pedagógica do Centro Social de Bairro, que apresentaram sugestões de temas a serem lecionados e propostas de articulações interdisciplinares a serem trabalhadas pelas equipas multidisciplinares, assim como articulação entre as oficinas pedagógicas das unidades culturais com os conteúdos programáticos das diferentes disciplinas e dos vários níveis de ensino.

Os alunos selecionaram vários elementos patrimoniais a investigar, utilizando a plataforma Famalicão ID, as Bibliotecas Digitais da BMCCB e a plataforma Archive, do Arquivo Municipal Alberto Sampaio para aceder a fontes primárias, dando assim início e sentido à pesquisa das temáticas a estudar. Todos os grupos realizaram visitas de estudo para observação direta às unidades patrimoniais que tinham como foco (museus, mosteiros, alminhas, pontes, etc). No final do ano letivo, os estudantes apresentaram aos colegas os seus trabalhos onde foi visível o seu empenho e aprendizagens em relação ao património por eles selecionado. Por sua vez os professores envolvidos no projeto apresentaram, numa sessão final, os trabalhos desenvolvidos pelos alunos sob a sua orientação.

3.3.3 Implementação em tempo de confinamento

No ano letivo 2019/2020 deu-se continuidade ao projeto, aprofundando-se alguns procedimentos para a implementação das atividades dos alunos, que iriam decorrer no terreno durante os dois últimos períodos letivos. Contudo, por força do confinamento, como resultado de pandemia – COVID-19, houve que ajustar o plano e recorrer-se a novas estratégias, adaptadas à situação de «ensino à distância». Por este constrangimento, o Projeto desenrolou-se em três períodos distintos.

No período inicial desta fase de implementação, anterior à manifestação da pandemia, abriu-se uma oferta de formação contínua a professores – ação de formação “De Famalicão para o Mundo: Arte e História Local” em modalidade oficina, com os seguintes objetivos:

- Dotar os educadores e professores dos diversos graus de ensino de instrumentos pedagógicos e didáticos;
- Aproveitar os conteúdos programáticos e disciplinares para reforçar as aprendizagens e a identidade dos alunos;
- Discutir e divulgar o desenvolvimento de projetos escolares relacionados com a História/Património Local;
- Analisar as potencialidades da Arte com o Património Local;
- Identificar conteúdos programáticos com possíveis articulações com a localidade;
- Compreender as possibilidades de incorporar didaticamente os recursos patrimoniais disponíveis em Famalicão;
- Inserir a História Local num contexto nacional e global;
- Elaborar estratégias e recursos específicos em função dos conteúdos das diferentes áreas disciplinares/disciplinas;
- Planificar trabalhos a realizar pelos alunos de acordo com os recursos, as faixas etárias e os conteúdos programáticos;
- Garantir a apresentação pública desses trabalhos favorecendo a componente relacional, de conhecimento e de reforço identitário com o espaço local e de literacia digital;
- Fomentar uma verdadeira reflexão sobre a educação patrimonial, numa perspetiva individual e coletiva.

Esta ação de formação permitiu arrancar com o acompanhamento dos formandos na realização dos projetos de escola, efetivando-se assim uma monitorização mais sistemática. De notar que muitos dos docentes recentemente colocados neste território desconheciam, à partida, as potencialidades patrimoniais do mesmo, e que mesmo

os naturais do concelho consideraram que foi enriquecedor, do ponto de vista histórico”, como relatou uma das participantes. Para facilitar o trabalho dos docentes foram elaborados recursos educativos relacionados com conteúdos científicos do meio local e disponibilizados no site do projeto. Constatou-se, pois, que a experiência de formação contribuiu para dar a conhecer e divulgar de forma mais concreta o património de Vila Nova de Famalicão. Está a assegurar-se a continuidade no ano letivo 2020-2021 a esta mais-valia.

Ainda no ano letivo 2019-2020, com o intuito de se premiar as iniciativas/projetos no âmbito da História Local, centrados no território de Vila Nova de Famalicão, foi criada a **“«Sebenta Digital» - De Famalicão para o Mundo - A História Local como experiência educativa”, alocada no Portal da Educação, na página do Projeto**. Esta iniciativa, orientada para professores e alunos dos estabelecimentos de ensino com oferta formativa do pré-escolar ao ensino secundário da rede pública e privada do concelho, pretende reconhecer e valorizar publicamente, todos aqueles que, em termos educativos, elevam a excelência do nome do Concelho de Vila Nova de Famalicão, constituindo-se, assim, como um importante fator de identidade e de orgulho para as gentes deste território.

Para colmatar algumas dificuldades detetadas ao longo da elaboração da experiência-piloto, perante o estado de pandemia vimo-nos forçados a dar respostas de imediato aos docentes e partimos para a construção de um conjunto de recursos educativos alocados no Portal da Educação em http://www.famalicaoeducativo.pt/_de_famalicao_para_o_mundo_contributos_da_historia_local. Esta medida estava já prevista como proposta para uma 3.ª fase do Projeto a iniciar no ano letivo 2020-2021.

Com o período do confinamento, as Visitas de Estudo previstas para o 2.º e 3.º período do ano letivo 2019-2020 foram, entretanto, canceladas, levando à adoção de novas metodologias. As visitas de estudo presenciais foram colmatadas por visitas virtuais, elaborando-se uma listagem de vídeos existentes relacionados com a história e património de Vila Nova de Famalicão e, então, docentes e estudantes deram continuidade aos seus projetos inovando e reinventando novas formas de ensinar e novas formas de aprender. O acompanhamento dos trabalhos pela equipa formadora foi então realizada digitalmente, incluindo uma sessão à distância para uma discussão intermédia, com carácter formativo, do processo das atividades em curso.

3. No Final do ano letivo de 2019-2020, foi já possível efetuar a apresentação oral de cada projeto, em sessão presencial. Os docentes envolvidos nesta ação de formação e interação entre pares, consideraram, tal como disse uma formanda, que “tiveram

a possibilidade de enriquecer o conhecimento pessoal, mas também a formação profissional, partilhando, por exemplo, experiências pedagógicas ao mesmo tempo que se tomou contacto com a metacognição, que visa melhorar a prática docente”.

3.3.4 Avançando... de Famalicão para o Mundo

No ano letivo 2020-2021, o Projeto “De Famalicão para o Mundo”, arrancou com uma ação mais ambiciosa, a de efetivamente dar sentido à ligação de Famalicão com o Mundo. Nesta linha de pensamento, era de todo importante desencadear, no início do ano letivo 2020-2021, um Encontro que mobilizasse o maior número possível de educadores para que, ao longo deste ano escolar, se procurasse planificar atividades que se pudessem inscrever neste desiderato. Numa primeira fase de motivação, esclarecimento e desafios temáticos, era também importante evidenciar exemplos de famalicenses que, de alguma forma, participaram em momentos cruciais na História ao nível mundial, e que pudessem incorporar propostas de valores de Humanidade a eleger no quadro educativo.

Tendo surgido o Despacho nº 3687/2020 que criou um grupo de trabalho para elaborar um Programa nacional em torno da Memória do Holocausto e, mais tarde, em 25 de junho de 2020, a Resolução do Conselho de Ministros nº 51/2020, que aprovou as linhas estratégicas do “Projeto Nunca Esquecer – Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto”, delineou-se um Programa para o evento / ação de formação “Encontro – De Famalicão para o Mundo: em torno da Memória do Holocausto e a ajuda Humanitária”, que veio a concretizar-se em 25 e 26 de setembro, no pequeno auditório da Casa das Artes. Para tal, desde o início estabeleceu-se, em parceria com o CITCEM, um grupo de trabalho criado para o efeito, com representantes das seguintes instituições – Galeria Municipal Ala da Frente, Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova (IHC-NOVA), Associação de Professores de História (APH) e Centro de Formação dos Agrupamentos de Escolas de Vila Nova de Famalicão (CFAEVNF).

Visto que a promoção de valores humanistas e cívicos é fundamental na formação de jovens segundo os atuais paradigmas educacionais, o Encontro, acreditado com 13 horas, pelo CFAEVNF, para os grupos disciplinares 200, 240; 300; 310;320; 290, 400, 410, 420, 600, pretendeu consciencializar para a necessidade de preservar a Memória do Holocausto e promover os valores consagrados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Visou, não só, dotar os professores dos conhecimentos necessários para a compreensão e reflexão crítica relacionados com a temática do Holocausto como também fomentar a construção de instrumentos

pedagógicos e didáticos relacionados com os conteúdos curriculares, para reforçar as aprendizagens e a identidade dos alunos, a várias escalas - desde a local, regional e nacional, até ao mundo mais vasto.

Em suma, o Encontro teve como finalidades inserir a História Local num contexto nacional e global; incrementar a participação de Portugal na ação internacional em prol da memória do Holocausto, do combate ao antissemitismo, à xenofobia, da promoção da liberdade religiosa e do respeito por todos os seres humanos; refletir sobre a importância da temática para a consecução do “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”; identificar temas que possam ser abordados em trabalho de projeto (de acordo com o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular); planificar trabalhos de acordo com os recursos, as faixas etárias e os conteúdos programáticos, valorizando a criatividade, a originalidade e o sentido estético; garantir a apresentação pública dos projetos escolares, favorecendo a componente relacional, de conhecimento e de reforço identitário com o espaço local e de literacia digital.

O Encontro contou com o registo de 230 inscrições, de várias partes do país e do estrangeiro e realizou-se em formato híbrido. O excelente naípe de comunicações que foi possível reunir presencialmente, associado ao facto de dezenas poderem acompanhar por via digital, são evidências da boa seleção (que consideramos feliz) realizada pela comissão organizadora (Leonel Rocha – CMVNF; Arminda Ferreira – CMVNF; Isabel Barca – CITCEM; Luis Alberto Alves – FLUP-CITCEM; Filipa Lopes – IHC/NOVA; António Gonçalves – Galeria Municipal Ala da Frente; Miguel Barros da APH; Aurora Marques do CFAEVNF).

O registo gravado, com posterior disponibilização das intervenções que autorizaram essa divulgação, garantem que, muito para além do que foi dito, a base de dados do Projeto “De Famalicão para o Mundo: Contributos da História Local” saiu enriquecida com excelentes recursos, que podem agora ser incorporados nos projetos educativos de diferentes estabelecimentos e/ou agrupamentos.

Da avaliação realizada pelos docentes inscritos salientamos algumas considerações:

- “As minhas expectativas concretizaram-se tendo em conta a qualidade dos temas abordados pelos conferencistas, mas foi sobretudo na apresentação e divulgação de diversos projetos inovadores que me prenderam a minha atenção pelas suas pertinências no enfoque dado em torno da memória do Holocausto. O projeto *Nunca Esquecer*, apresentado por Luiz Barreiros; a originalidade do projeto inserido na raia transfronteiriça, Museu de Vilar Formoso, *Memórias de Aristides*, dinamizado por

Margarida Magalhães Ramalho e do Projeto N.O.M.E.S. inserido no *O ensino e memória do Holocausto em Portugal*, dinamizado pela professora Sandra Costa, da Escola Secundária da Maia, que fui refletindo nas diversas estratégias que posso aplicar na sala de aula e dinamização nos Domínios de Autonomia Curricular (DAC)” (professor do grupo disciplinar 400, do AEIDH);

- “As comunicações foram ao encontro das expectativas que apresentava inicialmente, aliás superaram as mesmas, uma vez que aumentei os meus conhecimentos sobre o tema e também tomei conhecimento de uma série de projetos que estão a ser levados a cabo, bem como de recursos, como museus e páginas de internet que facilitam a busca pela informação por docentes ou alunos.(...)” (professor do grupo disciplinar 420, do AET);

- “Para ser sincero não tenho grandes sugestões de melhoria, dada a situação limitativa em que nos encontramos a viver, podermos participar num encontro como este é já em si muito positivo. Destaco, como ponto forte, o papel do encontro em fomentar a participação da sociedade civil, realçando o papel dos professores na recordação de um momento que nunca deverá ser esquecido, o Holocausto (...)” (professor do grupo disciplinar 420, do CA).

Dando continuidade a este Projeto “De Famliação para o Mundo”, vai realizar-se uma outra ação de formação, em colaboração com a FLUP- CITCEM, em modalidade oficina – acreditada com 50h: “De Famliação para o Mundo: Arte e História Local”.

3.4 Reflexões Finais

Reiterando o que afirma François Taddei (2019):

“Uma sociedade que aprende é uma sociedade na qual quando alguém aprende algo, outro pode aprender mais facilmente, porque o primeiro documentou e compartilhou seus conhecimentos ou inovações. (...) Em vez de competir por conhecimento, devemos aprender a partilhar em rede para entreatujadar, para cooperar, para compartilhar (...). Então essa postura permitirá que possamos progredir e avançar.”

Nesta linha de pensamento, o meio só poderá potenciar aprendizagens quando profissionais em conjunto, formadores, professores, educadores, alunos, famílias, ... conseguirem partilhar os recursos que vão produzindo, as ideias que forem pensando, as estratégias que foram experimentando. As escolas ou os espaços educativos potenciarão uma comunidade de aprendentes quando ousarem inovar e partilhar, experimentar e validar iniciativas que tiveram,

como é o caso das experiências que tiveram o espaço identitário de Vila Nova de Famalicão como laboratório de aprendizagem.

Disponibilizar meios para desenvolver competências transversais, e promover uma cidadania mais consciente e interventiva (mais fundamentada e autónoma) é um objetivo crucial para o sucesso deste compromisso educativo e social. A página do projeto “De Famalicão para o Mundo: Contributos da História Local”, alocada no Portal da Educação, já referido, é um espaço virtual que tem identidade. Foi construído por todos quantos se sentiram interessados em ajudar a dinamizar o conhecimento da realidade local na sua História e Património. Tem a generosidade de quem partilha e o desejo de “progredir e avançar” coletivamente, aproveitando a força dos que nos têm acompanhado nesta procura do melhor para crianças e jovens estudantes.

O Projeto “De Famalicão para o Mundo: Contributos da História Local” continua neste ano letivo de 2020-2021. Numa articulação da História Local com a Nacional e Mundial, realizou-se o “Encontro – De Famalicão para o Mundo: Em torno da Memória do Holocausto e a ajuda Humanitária”. A este Encontro / Ação de formação, que constituiu a primeira iniciativa do presente ano letivo, segue-se a ação de formação “De Famalicão para o Mundo: Arte e História Local”. Pretende-se com estas e outras ações que se seguirão promover a capacitação docente com conteúdos científicos e pedagógicos relacionados com a História e o Património Local, numa perspetiva interdisciplinar, e do local ao global.

Para além do Programa de formação contínua, o Projeto dará continuidade à construção de recursos didáticos locais e ao fomento de experiências educativas nas escolas em torno do Património Local, sempre que possível a nível interdisciplinar.

Esperamos que este Projeto seja um porto de sucesso, enquanto contributo para uma compreensão mais profunda da realidade em que vivemos.

3.5 Bibliografia

- ALVES, Luís Alberto Marques; PINTO, Helena (2019). Educación histórica con el patrimonio: desafiando la formación de profesorado. REIFOP - Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado Vol. 22 N°. 1 p. 71-81.

-ALVES, Luís Alberto Marques (2019) (Coord.). Cruzar Fronteiras sobre o ensino de História: II Oficinas Luso-Afro-Brasileiras. Porto, CITCEM.

- ALVES, Luís Alberto Marques; MOREIRA, Ana Isabel; DUARTE, Pedro (2019). Enseñar y aprender didáctica de las ciencias sociales: la formación del profesorado desde una perspectiva

sociocrítica, p. 81 a 89. file:///C:/Users/laalves/Downloads/luis_alberto_da_consciencia.pdf (Consultado em setembro de 2020).

-ARENDDT, Hannah (2019). Cultura e Política. In. “Pensar sem corrimão”. Lisboa, Relógio d’Água, p. 103 a 127.

- ARENDDT, Hannah (2019). Pensar sem corrimão. Lisboa, Relógio d’Água.

- BARCA, Isabel (2004) - Aula Oficina: do projeto à avaliação. in: Para uma educação histórica de qualidade. Actas das IV Jornadas internacionais de Educação Histórica. Braga (PT): Ed. Universidade do Minho.

- COOPER, H. (2004) – O pensamento Histórico das crianças. In I. Barca (Org.). Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica – Para uma Educação Histórica de Qualidade (pp. 55-74), Braga: Universidade Minho.

- FERREIRA, Arminda (2005) - Ideias de Significância Histórica e Pedagógica em contexto de interação: um estudo com professores estagiários. Universidade do Minho: Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica do Ensino da História

- FERREIRA, Arminda.; BARCA, Isabel; ALVES, Luís Alberto. (Coord.) (2019) – “Projeto De Famalicão para o Mundo: Contributos da História Local”, Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

- FURTER, Pierre (1970). Educação e reflexão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 3.ª edição, p. 7.

- GREEN, Maxime (1992). Public education and the Public Space. In. (<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/0013189X011006004>) Visitado em maio de 2020.

- MARTINS, Guilherme Oliveira (2019). Património cultural. Realidade viva. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- MASACHS, Roser Calaf (2008). Didáctica del patrimonio: epistemología, metodología y estudio de casos. Gijón, Ediciones TREA.

- MORIN, Edgar (2015). Ensinar a Viver. Manifesto para mudar a Educação. Porto Alegre, Editora Sulina, p. 17.

- Jornal “Expresso”, 25-04-2020, caderno 1, p. 4.

- MORIN, Edgar (12-01-2010). Elogio da metamorfose. Artigo consultado em 29-04-2020 e disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2010/01/12/elogio-da-metamorfose-artigo-de-edgar-morin/>.
- NÓVOA, António (s.d.). Educação 2021: Para uma história do futuro. In. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/670/1/21232_1681-5653_181-199.pdf . Consultado em maio de 2020.
- PINTO, Helena (2003) - Guimarães, Centro Histórico: Património e Educação. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo, Universidade do Minho, Braga.
- SOLÉ, Maria Glória (2003) - A consciência histórica e a significância histórica em alunos portugueses: um estudo de caso longitudinal com alunos portugueses. Universidade do Minho: Revista de Educação Histórica-Reduh. (Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29942/1/artigo-%20Conci%3%aaancia%20hist%3%b3rica%20e%20signific%3%a2ncia%20hist%3%b3rica%20em%20alunos.pdf>).
- TADDEI, François (2019) Apprendre au XXIe siècle. Paris, Calmann-Lévy.
- TADDEI, François (2020). Apprendre au XXIe siècle.
- <https://www.youtube.com/watch?v=BhunNczVNaA>. Visitado em maio 2020.

